

XXXII Domingo do Tempo Comum Ano A 12 de novembro de 2017

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Quando escuto a parábola das virgens prudentes e insensatas recordo-me sempre de uma “filosofia”, com sabor feminista de uma amiga nossa, coberta de razão, quando diz: *“Havendo uma festa, as mulheres têm a delicadeza de levar um presente à anfitriã ou ao anfitrião. Os homens nada levam, eles se consideram o próprio presente.”* Essa é uma presunção da personalidade masculina em nossa cultura.

Na parábola de hoje, as virgens esperam seu presente, o próprio noivo, que aguardam pacientemente. Todavia, ele se atrasa e as imprudentes, ao ouvir o grito de que está chegando e não tendo óleo suficiente para suas lâmpadas, saem para comprá-lo. Enquanto isso, o esposo leva consigo as que estavam preparadas. As demais, como dizemos, sobraram!

Jesus ao narrar essa parábola a identifica com o Reino que veio inaugurar. Por conseguinte, nós que dele fazemos parte, que no momento presente é a Igreja, mas não em sua plenitude, somos comparados a essas virgens que esperam o esposo para as núpcias. Como elas, somos por vocação, vigilantes, sentinelas, os que esperam o retorno do Senhor que virá para consumir a história em seu amor.

A cada celebração eucarística, porque missão da Igreja, pedimos que o Senhor venha, proclamando: *“Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vinde Senhor Jesus.”*

Ao anunciar a sua morte e ressurreição estamos professando a fé em sua primeira vinda na plenitude dos tempos. E, ao mesmo tempo, pedimos que retorne para encerrar a obra da criação.

Acredito, entretanto, que temos pouca consciência e responsabilidade dessa realidade cristã: o retorno glorioso do Cristo. Se não as temos, posso conjecturar: só esperamos com todo o nosso ser, com verdadeira paixão, alguém que nos é importante. Perguntemonos, pois, quem é o Senhor Jesus Cristo para cada um de nós? Nós O conhecemos? Como entramos em contato com Ele? Ele é, de fato, alguém importante, fundamental, essencial em nossa existência? Ele é o centro e centraliza nossa vida?

Um bom exame de consciência poderá, talvez, fazer-nos descobrir que o Senhor Jesus só nos é importante na hora do sofrimento e da desgraça, quando suplicamos-Lhe socorro.

No entanto, porque devemos vigiar, temos sempre azeite para acender nossas lâmpas quando o Esposo chegar?

No batismo cada um de nós recebeu uma candeia, ou seja, a graça da vocação batismal para ser vivida num lugar da Igreja. O azeite que devemos utilizar nada mais é do que a graça que Deus nos

concede, sem absoluta imposição. De nossa parte, precisamos acendê-la com o fogo de nossa vivência batismal.

Quando vivemos a palavra do Evangelho e membros ativos da Igreja, nós que esperamos o Senhor retornar, já O temos de forma sacramental ao celebrar a liturgia ou na pessoa do próximo. Essa realidade, tÊ-LO sacramentalmente, nos sustenta em nossa vocação de vigilantes.

Sem essa realidade de vida batismal entramos num estado de sonolência ou de letargia. Estaremos dormindo para a realidade de nossa vocação cristã, mas acordados para uma outra, ou seja, para a ilusão e fantasia de nossos sonhos e pesadelos.

Hoje temos uma nova e inédita forma de permanecer em estado de letargia para a realidade de nossa vocação batismal, quando estamos desmedidamente imersos no virtual.

Caros irmãos e irmãs, há quem passe a existência como as virgens insensatas sonolentas ou dormindo por medo de viver, por medo de ser feliz, por medo de sofrer, por medo de se conhecer, por medo de se assumir, por medo de seus limites, por medo de suas capacidades, por medo do encontro com Cristo, como São Paulo advertia aos tessalonicenses, por medo de fazer a pergunta crucial: “*Quem é importante para mim*” e, por fim, por medo de amar e correr seus riscos. Não nos esqueçamos: viver o Evangelho é sinônimo de amar.

De fato, amar é uma necessidade vital. Amar é uma necessidade vital para a coerência com as promessas batismais. Amar é vital para desejar e aguardar o Senhor que vem.

Quando éramos mais “*simples*”, o cozinheiro do Mosteiro fazia a maionese caseira. Era uma verdadeira arte confeccioná-la. Tinha um ponto certo para tornar-se creme, caso contrário, “desandava”, como ele próprio dizia; estavam perdidos o trabalho e os ingredientes.

Assim também é o amor, que vai muito além de um sentimento. Amor é ação. Entretanto, quando amamos precisamos da sabedoria divina, que “*antecipa-se e dá-se a conhecer aos que a desejam*” para atingir o ponto certo aonde chegar e atuar. Caso contrário degenera, “desanda”. Degenerada torna-se, possessão, instrumentalização do outro, investimento, exploração e escravização física e psíquica de quem desejamos amar ao conduzi-lo da condição de sujeito para objeto de nossa egocêntrica satisfação. Apenas verdadeiramente amando, ou seja, vivendo o Evangelho, mesmo correndo riscos e ocorrendo quedas, estaremos prontos para ir ao encontro do Senhor que está vindo ao nosso encontro.

Deus nos abençoe a todos!